

TRÊS MILAGRES DE NATAL

Passado e futuro precisam de você



KARINA HEID

PRESENTE



ISABELA

ERA UMA NOITE ESTRANHA, DESSAS QUE INVOCAVAM mágica. Não que eu acreditasse em mágica; eu só não acreditava no céu. Por vias que não pareciam naturais, ele escureceu em um piscar de olhos, tomado por nuvens pesadas. O ar estava tão carregado de eletricidade que chegava dar medo erguer os dedos: se esticados, poderiam atrair raios.

Passei a fita na última caixa de papelão, ouvindo a chuva cair. *Tec, tec, tec*, e então *tectectectec*. As luzinhas da iluminação natalina da casa da frente refletiam na janela molhada, trazendo melancolia à noite.

Encerrar a vida doía, *ponto*. Era só uma constatação aleatória que chegava como aquela chuva exagerada. Com o convite para Júlio assumir a posição em Portugal, encerrava-se nossa estadia no Brasil. A vida exigia sacrifícios e esse era o meu, por ele.

Ainda assim, mesmo fazendo a coisa certa, o coração batia de um jeito estranho. Torto, como o boneco de neve *fake* que a vizinha vivia ajeitando na frente da casa. Aliás, todas

aquelas varandas piscando, os Papais Noéis sorrindo nas lojas, as bolas metalizadas penduradas em ramos de pinheiros de plástico me deprimiam. Eu detestava aquela época. Há anos não suportava o natal.

Cansada de empacotar a vida, andei até a pequena árvore no canto da sala e a desliguei. Era quase triste vê-la piscar sozinha. Não precisava fingir me importar com o natal se Júlio não estivesse por perto, e ele quase nunca estava.

Sentei no sofá e limpei um fiapo do tecido impecavelmente limpo, levando a taça à boca. Eu devia pensar na mudança, nos próximos empreendimentos em Lisboa ou em Julio, mas o pensamento estava no quanto eu tinha agonia dessa época. Tirei o celular do bolso e o trouxe às vistas. Li com pouca emoção a mensagem:

Isa, vou demorar no trabalho.

Era uma mensagem nova ou uma mensagem velha? Deslizei o polegar pela tela, conferindo. Tanto faz. Um dia atrás, sua última mensagem dizia o mesmo. Dois dias atrás, idem. Até o sábado, tudo o que lia eram pedidos de desculpas seguidos da minha resposta padrão:

Tudo bem.

Entornei o resto do Cabernet na taça e encarei as caixas grandes e pequenas espalhadas pela sala. Vazia de móveis, a sala reluzia. Ri ao me lembrar que o pintor, ao terminar o projeto, perguntou se ali funcionaria um hospital. Encarei na época o comentário como um elogio.

Já não via a mesma graça nos dias de hoje. Achava toda aquela perfeição um pouco vazia. O estômago ardeu ao pensar que seria sempre assim. Aqui, lá, tanto faz estar em outro país. Eu e Júlio estávamos juntos, mas seu trabalho estava mais junto dele que eu.

Triste é não fazer questão que fosse diferente, pensei virando quase todo o copo, olhando por cima da borda uma caixa vermelha ao lado das outras. Abaixei a taça, estranhando sua presença na sala. Eu havia conferido todas as embalagens, mas não me lembrava daquela. Não parecia um presente; eu e Júlio não fazíamos esse tipo de surpresas, e a caixa tinha cara de velha. E por que era vermelha, se todas as outras eram marrons?

Trouxe-a para perto, equilibrando a taça enquanto a abria. A caixa estava repleta de fotos antigas.

Eram as fotos do último ano da escola. Vinte, vinte e cinco anos atrás? Há anos eu não via aquelas fotos.

Tirei a primeira foto da caixa. A qualidade era questionável, como todas as fotos da década de 90, mas foi inevitável sorrir. *Olha eu ali*. Curvada no meio de uma gargalhada, segurando a barriga porque ela doía de tanta risada. Por um segundo me demorei no rosto redondo de menina: na franja com mais camadas que cebolas, no cabelo pintado de papel crepom roxo, no rostinho redondo da juventude. Algumas espinhas e nenhuma ruga. *Ah, Deus, e aquele cabelo selvagem? Eu não tinha amigas para me dar conselhos naquela idade?* Senti pena daquela menina. Naquela época ela acreditava em sonhos, achava que tudo daria certo e a vida seria ótima.

As mãos esfriaram no momento em que vi o rapaz de olhos bonitos ao seu lado.

Olá, Marcelo. Quanto tempo.

Eu podia fingir que tinha me esquecido que ele existia, ou não me lembrava como ele era engraçado, mas eu estaria mentindo. Na foto seguinte, ele e Júlio estavam lado a lado

em um churrasco. O rapaz por quem eu era apaixonada e meu companheiro atual.

Curiosamente, naquele tempo só um deles gostava de mim, o outro nem tanto. Por razões que só o destino podia explicar, foi com o segundo que me casei.

Exalei, varrendo a sensação ruim para lá. Águas passadas. Próxima foto.

Era uma *polaroid* que sequer sabia que existia. Ela trazia um recorte no tempo: Marcelo sentado atrás de mim com o uniforme da escola, inclinado em minha direção. Eu sentada para a frente, concentrada. Os olhos estavam no papel, mas o sorriso denunciava que eu prestava atenção no que me dizia.

Seu interesse por mim não foi imediato. Na verdade, ele sabia que o meu tinha vindo primeiro. Já no primeiro dia de aula, quando o vi, senti as pernas tremerem. Nunca mais aconteceu com outro a mesma coisa: eu parecia feita de gelatina. Ele notou, e escolheu se sentar ao meu lado, acho eu, para me torturar. E foi assim o ano inteiro: eu apaixonada em silêncio, ele puxando assunto. Era estranho explicar hoje por que nunca tivemos nada sério, já que gostávamos da companhia do outro. Em parte era porque eu tinha medo dos meus sentimentos. Marcelo era um cara bastante assediado, e eu, uma garota abaixo da média. Aquilo não o impedia de ser meu amigo, mas era uma montanha intransponível na parte sentimental. Sempre tive medo da dor, era um traço meu: não me aproximar era a maneira de proteger o coração fraco.

Marcelo me olhava de um jeito comprido e costumava mandar bilhetes engraçados. "*Sabia que vacas mugem com sotaque?*" "*Sabia que se você espirrar muito forte, pode fraturar uma costela?*" Ele fazia aquilo para implicar. Quando eu me virava, parte curiosa, parte aborrecida por me desconcentrar da aula, ele dizia que mais tarde, na pausa, me explicaria direito como tal coisa funcionava. Eu mal via a hora das pausas chegarem.

Peguei outra foto, certa de que Marcelo estaria em todas

as fotografias de churrascos e confraternizações que encontrasse, porque ele era o mais animado da sala. Bingo: aqui estava ele outra vez. Por segundos me perdi no rosto bonito: o cabelo alourado e comprido, o rosto fino, o perfil masculino. Em outra foto, ele fazia careta para a câmera, enquanto Julio fitava a lente, sério. *Por que perdíamos essa leveza com os anos?* Pensei passando o polegar sobre o rosto deles. *Por que não conseguíamos realizar nossos sonhos?*

Coloquei a foto no fim da pilha, afastando o pensamento, mas a foto seguinte não ajudou em nada: ele estava nela também. Eu me lembrava daquele dia. A classe toda junta e abraçada na frente de um barzinho. A moda terrível impondo às meninas calças boca de sino, maquiagem escura e cabelos escorridos, enquanto os meninos precisavam se virar com camisas de flanela em meio ao verão tropical. E lá estava eu, abraçada a Julio, meu atual companheiro. Já estávamos juntos no fim daquele ano. Marcelo estava do outro lado da foto, longe da gente. A foto capturou os olhares cruzados: eu e Julio olhando para a frente, Marcelo para nós. O rosto dele estava sério pela primeira vez na vida.

Terminei a taça de vinho de vez. Seria mentira dizer que eu e Marcelo ficamos apenas no relacionamento platônico. A gente conseguia proteger o coração, mas o corpo às vezes achava meios de burlar a cabeça. Foram muitas as saídas em que, no fim da noite, sobrávamos eu e ele. Eu, por profunda necessidade de esticar a permanência ao seu lado. Ele, não fazia ideia. E então, como se não restasse outra opção, nos beijávamos. Como quem não quer nada — só curtir, *claro*. Enquanto eu comprimia o coração e o forçava a entrar em uma caixa para protegê-lo, Marcelo queria sair avançando sinais. Mas então, ao ver que eu não cederia, ele recuava também. Eu não era a única protegendo o coração no mundo.

Cheguei a me perguntar se eu teria dado o primeiro passo caso ele não tivesse tantas outras. Garotas mais interessantes,

mais bonitas e mais fogosas. Garotas mais altas e mais disputadas. Foi assim que um dia cansei de sofrer e dei uma chance ao Júlio. Desde então evitava pensar no outro.

Marcelo não gostou quando Júlio e eu começamos a namorar. Tomou coragem um dia e fez uma brincadeira, perguntou se era sério e por que o Júlio tinha uma chance e ele não. Tentei explicar que não era escolha, era auto preservação. E foi. *E ainda era*. O que ele queria, que eu fosse apaixonada por ele para sempre? Onde estaríamos se eu tivesse continuado a ceder todos os fins de noite? Sendo eternamente a amiga com benefícios? Vendo-o desfilar com garotas que me faziam sentir pequeninha e medíocre?

Não, obrigada.

A vida seguiu diferente depois dele. Fiz economia, abri meu negócio, Júlio fez administração. Começamos a trabalhar sem parar, sem parar nem mesmo para conversar sobre nós. E de tanto não falar, a relação começou a causar atrito. Não por fora, mas por dentro. Como uma daquelas fricções constantes, um sapato que come a pele do calcanhar. *Ainda bem que estávamos mudando de ares. As coisas precisavam melhorar*.

No começo do namoro com Júlio ainda via Marcelo. Não mais à noite, só para um café. Ele contava como andava a vida, perguntava sobre a nossa. Continuava pulando de relacionamento em relacionamento. Até que um dia disse que tinha se arrependido. Quando perguntei sobre o quê, ele não quis contar. Pediu que eu esquecesse o assunto.

Um trovão estourou do lado de fora e, no susto, a taça escorregou da mão. Consegui segurá-la a tempo, mas o vinho entornou sobre as fotos. Dali o líquido vermelho se espalhou pela caixa e vazou até o sofá.

Os olhos quase saltaram da órbita ao ver o borrão sobre a almofada branca. Tentáculos vermelhos irradiaram da gota

que ficou parecida com aquarela. Larguei as fotos e peguei um pano para tentar salvar o sofá, mas voltei sentindo algo travar a garganta. Enquanto esfregava o vinho que se ramificava pelo tecido, a campainha tocou.

Não, não, não. Na ânsia de limpar o sofá, vi entristecida que as fotos estavam borradas. O rosto precioso de Marcelo havia sumido. *Nada ali podia ser salvo.* A campainha tocou outra vez, e cambaleei com o coração esmagado até a porta. *Quem poderia ser aquela hora?*

Gotas do tamanho de moedas estalavam no telhado, o céu parecia atirar contra o chão. O cabelo da garota à frente colava ao crânio, molhado, e de seus olhos escorriam mais que gotas: escorriam também lágrimas e maquiagem.

Eu sabia que a noite seria tumultuada, mas nada na composição do temporal prometia mágica. Porque era isso que aquela menina parada na porta significava: *magia*.

PASSADO



BELA

ALGUÉM PODERIA PENSAR QUE A MINHA CHEGADA foi um erro no contínuo espaço-tempo. Uma improbabilidade imaginária, uma piada de mau-gosto ou o exato oposto de um milagre. Sei que a mulher que abriu a porta pensou nisso na hora, e eu teria pensado o mesmo caso sua aparição tivesse acontecido comigo. Só isso – ou nem isso – explicaria minha presença ali.

Mas eu estava ali. E estava meio por escolha, meio por falta de opção.

A primeira reação dela foi contornar com os olhos minha figura e observar ao redor. Tentou enxergar sob os pingos da chuva as câmeras de TV, ou o apresentador que surgiria seguido de um séquito de assistentes técnicos que segurariam os microfones e ajeitariam os fios no chão. *Como é depa-
rar-se com si mesma?* O apresentador sorria, esticando o microfone até sua boca. Ela precisaria dizer alguma coisa. Se a conheço bem – e eu a conheço bem – ela sorriria. Diria, em

sua falsa compostura, que estava surpresa. Ela talvez nos convidasse para entrar por pura educação.

Mas não havia apresentador, nem câmeras de Tv e muito menos um sorriso. O que havia era uma menina de rosto redondo e cabelo repicado com uma espinha feia na testa, cujo cabelo pintado de papel crepom em um tom agora desbotado de roxo escorria como rio pelo rosto.

E eu tremia de frio e de medo. De desespero pelo que tinha acabado de acontecer.

Isabela, a mulher vestida de bege e cabelo escovado no salão finalmente me reconheceu. Reconhecia a meia calça fumê rasgada no joelho e o coturno preto. O vestido curto, o colar com seu nome pendurado no pescoço.

— Quem é você? — ela perguntou agarrada à maçaneta, como se pudesse quebrá-la.

— Você sabe quem eu sou.

Foi como ver alguém ser derrubada por um vagalhão. Ela me olhou de cima embaixo, balançou a cabeça que não. Ela foi indiferente a mim por tempo demais. Tudo que eu queria, ela negou. Tudo que planejei, ela fez diferente. Por isso não conseguia ser indiferente a mim agora. Não sem se sentir agitada, exposta aos elementos e oferecida à revelia ao passado.

— Preciso de você — eu falei.

Ela hesitava em me convidar para entrar. Eu trazia sensações ruins e lembranças piores. Eu era a versão antiga que ela não gostava, o modelo ultrapassado de si mesma.

— De mim?

— Sim. Não quero continuar o jogo que comecei a jogar. Quero que me diga para voltar atrás. Que me dê coragem pra fazer o que eu *quero* fazer.

Ela fez que não.

— De onde você veio? — Ela murmurou.

— Do passado. Da festa de natal. Você sabe qual.

Tenho minhas dúvidas se conseguiria ver natais com os mesmos olhos depois daquela noite. Pelo estado dela e de sua solidão, a data estava permanentemente danificada.

— Vai, me deixa entrar — eu falei. — Está frio aqui fora.

Ela deu um passo para o lado e eu entrei. Ela reconhecia aos poucos minha roupa, estava vestida assim naquela noite. Uma noite tão estranha quanto essa, envolta na mesma melancolia e eletricidade. Meu eu-futuro balançou a cabeça, negando as lembranças.

O vento chacoalhava as copas das árvores revirando cenas antigas. Objetos do passado rolavam sem rumo pelo gramado aparado. Anos de esquecimento rodopiavam sobre si mesmos, atingindo e amassando-se contra a caixa de correios. Nas imagens amareladas, faces. Dissolvendo-se sob a chuva. Rostos, memórias, vergonhas, raivas.

Ela não me perguntou o que estava fazendo ali, ou mesmo *como* podia estar ali. Ela ainda tolerava pouca fantasia, delírios, alucinações ou surpresas. Nem mesmo sonhar demais a gente se permitia. Pelo jeito, eu continuava a mesma.

— Estou perdida — confessei com o coração apertado. — Sei que estou tentando me proteger, mas acho que estou fazendo a coisa errada. Não quero a vida que escolhi. Por isso vim até aqui. Preciso de ajuda.

A mulher finalmente se moveu. Atarantada, buscou um pano de chão. Ela estava na frente de sua versão mais jovem, e estava preocupada com a bagunça que eu fazia no seu porcelanato.

— Não posso te ajudar — ela disse passando o pano no chão.

— Só você pode. A quem mais posso recorrer?

Ela não me queria ali, estava claro. Queria que eu não existisse, ou que tivesse apenas *existido*. Não gostava de mim.

Caminhei pela sala vazia olhando a árvore de natal tristonha no canto. As roupas finas que vestiria, a taça de cristal

rebuscada que compraria, o aspecto antisséptico da casa que escolheria.

— É assim que viverei no futuro? — olhei ao redor.

Isabela fez que sim, assombrada. Não respondi porque me faltaram palavras.

— Foi você quem deixou essa caixa aqui? — ela perguntou apontando para a caixinha cheia de fotos sobre o sofá.

— Não.

Caminhei até a caixa, me ajoelhando ao lado das fotos tiradas há tão pouco tempo. Peguei a foto de cima, manchada de vinho, e constatei que o rosto de Marcelo havia desaparecido. Meus olhos se encheram de água.

— Por que estragou a foto?

— Foi um acidente — ela disse. — Acabei derrubando vinho sobre ela.

Minha cara de felicidade ao seu lado estava intacta. A de Júlio, do outro lado, também. Só ele havia sumido.

Passei o dedo pelo seu rosto, sentindo um aperto no peito. Em seguida, fixei os olhos em Júlio.

— É com ele que me casarei? — perguntei.

— Sim. Bem, não — a mulher respondeu com expressão cansada.

— Sim ou não?

— Você... Quero dizer, *eu* e Júlio estamos juntos até hoje. Mas não casados.

Olhei outra vez para o namorado que escolhi por achar seguro. Foi uma besteira me juntar a ele por medo do mundo. Não havia sentimento suficiente.

— Vocês são felizes? — perguntei.

— Defina 'felizes'.

Resposta errada.

Abaixei a foto destruída, olhando ao redor. Pelo jeito, eu teria dinheiro no futuro. Peguei a direção que a placa "solidez"

apontava. Não era feliz, nem infeliz. E parecia estar de mudança. Ao terminar o giro, constatei desanimada que minha casa do futuro parecia um hospital.

— Você não faria nada diferente? — perguntei a ela.

— Quanto ao quê?

— Quanto ao coração.

Ela olhou para a roupa que eu vestia. Sei que tentava puxar pela memória as coisas que sentia na minha idade. O que aprontei naquela noite.

Então ela respondeu:

— Não.

Ela estava mentindo e nós duas sabíamos. Não me interessavam casas espaçosas, vinhos caros, carros do ano. Mas eu queria ser feliz debaixo do teto que morasse. Queria gostar de conversar com quem bebesse os vinhos comigo. Eu não parecia feliz. Na verdade, parecia miserável. Sozinha na véspera de natal.

Inspirei fundo e andei até a janela. O quintal estava imaculado, como o resto da casa. Não havia crianças, fios de cabelo fora de lugar, sinais do companheiro. Mas havia um par de seios turbinados, cabelos de uma cor que jamais pensei em ter e um nariz que não parecia mais o meu.

Virei, incomodada que ela tivesse feito tanta força para não se parecer mais comigo:

— O que posso fazer para não me transformar em você?

A frase soou grosseira para a minha versão artificial. *Era isso que a segurança me traria? Que ir contra meus desejos fariam de mim?*

— Não há nada que pode fazer — ela respondeu. — Você vai querer deixar em breve o cabelo revoltado de lado. Vai tentar emagrecer para se encaixar. Vai aprender que nem sempre o que a gente quer nessa idade nos faz bem.

— E Marcelo?

Vi acender em seus olhos o mesmo tipo de brilho que via

ao pensar nele na frente do espelho.

— Não sei do seu paradeiro.

— Por quê?

— Por que uma hora a gente precisa desistir e seguir adiante, não?

Não retruquei. Ela tinha razão. Só não entendia como tudo podia ter dado tão errado a partir daí.

Olhei pela janela para a tempestade que havia me levado até ali. Eu odiava agora um pouco mais minhas últimas decisões.

— Sei que tomei uma decisão errada — falei. — Essa decisão, pelo jeito, vai afetar você.

Com pesar, falei: — Eu sinto muito.

Sentia arrependimento por ter escolhido Júlio, sentia tristeza por descobrir que a vida lembraria um cenário cenográfico de papelão. Que o próprio amor pareceria de papelão. Conjurei a entidade responsável pela rachadura do contínuo espaço e tempo por ter me levado ali. Vim atrás de coragem e acabei de perder a que tinha. Se pudesse, presentearia o universo com um atestado de incompetência. Tinha detestado minha versão do amanhã.

E não tinha muito tempo, só alguns minutos. Caminhei até a porta sem acreditar no tempo perdido. Tanto vindo ali quanto os vinte anos que se seguiriam.

— Quer que eu tente algo diferente? — perguntei antes de ir. — Quer que eu não desista das escolhas do coração? Que insista mais, que ao menos termine com o Júlio? Tá na cara que vocês não são felizes.

Ela balançou a cabeça que não.

— A gente se vê — disse antes de voltar para a tempestade, pensando em uma maneira de consertar as coisas. A menina que ainda estava chocada com a mulher que se tornou. E odiava saber que no futuro, veria a mim mesma como uma vergonha.



I DROVE ALL NIGHT CHACOALHAVA O WALKMAN,
vibrando tudo entre as orelhas. O volume alto consumia até o
último elétron das pilhas, mas valia cada ânodo e cátodo
desperdiçado. Ajeitei a espuma ao redor do ouvido e apertei
bem o lápis entre os dedos:

*I drove all night to get to you
Is that alright
I drove all night
Crept in your room
Woke you from your sleep
To ...*

Endireitei o caderninho equilibrado sobre os jeans. Tinha
chegado à parte da música que tentava passar para o papel.
Há dias ouvia a parte e perdia as palavras, em parte porque o
inglês era manco, em parte por que Cindy Lauper parecia ter
colocado um ovo na boca naquela estrofe.

Urgh, perdi a estrofe outra vez. Apertei o *rewind* e a música guinchou. Voltei à frase, perdi de novo. A estrofe estava tomando meu tempo e, aos poucos, minha sanidade. Arranquei o aro de aço da cabeça e o joguei dentro da mochila.

Minhas amigas conversavam nas carteiras ao lado. Todas vestíamos calças *baggy* e camisetas de malha enfiadas para dentro do cós. Com os cintos de lona apertados na cintura, era como se tivessem nos ensacado e amarrado com força para que as pernas não saíssem das calças. Elas conversavam sobre meninos. Todas tínhamos o mesmo cabelo repicado e as sobrelanceiras grossas por causa da Malu Mader em Top Model.

O caderno da Tilibra estava cheio de letras de músicas e as iniciais *I & M. Isabela e Marcelo*, em letras e formas diferentes.

— E aí? — Marcelo sentou-se atrás de mim. Fechei imediatamente o caderno, sentindo-o cutucar meu ombro direito. Virei e não vi nada, sentindo o dedo sobre o ombro esquerdo. Virei outra vez, e lá estava o sorriso Kolynos voltado para mim. — Estudando muito?

O rosto esquentou de vergonha. Esperava que ele não tivesse visto os corações.

— Claro. Mal vejo a hora de prestar logo o vestibular e acabar com isso. E você?

Ele deu de ombros e se esparramou na cadeira. As pernas longas se esticaram por debaixo da minha.

— O que isso quer dizer? — Eu o imitei. — Que está indo mal nos simulados?

— Mal, não. Só não tão bem quanto você — ele respondeu. — Na verdade, talvez precise repetir de ano. Vamos ver.

— Você me lembra aquela fábula da cigarra e da formiga — falei voltando a olhar para a frente. — Uma hora o inverno chega, viu.

Ele voltou a se sentar reto na cadeira, aproximando-se:

— E quando chegar, posso bater na porta da sua casa, formiguinha?

Ri, sentindo o coração bater forte. Ele era dono de cada batida errática que meu coração dava, há tempos.

— Você tem muitas casas onde pode bater — alfinetei.

Ele se aproximou mais, quase colando a boca em meu ouvido:

— Ah, vai. Você não abriria?

— Você teve sua chance — falei.

E teve, mesmo. Desde o começo do ano, encantada pelos olhos verdes e pose de quem veio ao mundo a passeio, ficamos várias noites juntos. Não passou disso, de encontros e beijos roubados durante saídas noturnas. Foram noites intensas, mas breves. Que interrompi por falta de confiança, não de paixão — pelo menos do meu lado. Não era fácil sair com o cara mais bonito da turma.

Ele esticou o braço para pegar o meu caderno mas eu o segurei. Os dedos sentiram os pelos lisos e escuros, a pele macia e cheirosa. Ele insistiu, e deixei que abrisse na página da música. Ele terminou a estrofe faltante e escreveu embaixo:

Você é muito brava.

O tipo de crepitação que ele causava era luminosa e aguda, como raminhos de eletricidade correndo por mim. Infelizmente, o gosto residual dessa sensação era ruim.

Recuperei o caderno, respondi sua frase e o entreguei:

E você, mulherengo, sem compromisso e instável. P.S: Não acontecerá outra vez.

. . .

Olhei para trás para ver sua reação. Diferente do que esperava, ele não brincou mais. Sustentando o olhar no meu por um segundo a mais do que gostaria, me devolveu o caderno e sorriu. Um sorriso fraco, que dizia mas ou menos: 'desculpa, foi mal, não vou te perturbar outra vez'.

Eu me senti idiota depois daquilo. Principalmente porque ele só esperou a aula começar para recolher seu material e se levantar, indo sentar no fundo, onde uma garota o recebeu cheia de sorrisos.

Não deu nem tempo de ficar triste. Júlio tomou seu lugar naquele dia — Júlio, o cara certinho que não tinha nada a ver comigo — e nunca mais senti o dedo de Marcelo me cutucar no ombro, ou ouvi suas perguntas estapafúrdias.

Joguei logo depois o caderno cheio de corações fora.

Por vinte anos enchi a cabeça de justificativas para não ter cedido aos seus gracejos. Ele era muito areia para o meu caminhão, e logo veria isso. Ele não namorava. Não achava exclusividade uma coisa boa. Era disputado demais. Bonito demais. Sabia que era lindo, e também infiel.

Daquele tempo ficou um tipo de trauma. Havia algo de louco no modo como adolescentes se jogavam em uma paixão, e aquilo devia ser contido. Aquela entrega não podia ser normal. A paixão era pura ferocidade e pouca reflexão, e parecia ter garras e dentes, como um bicho feroz. Tinha visto amigas sofrerem por causa dela, e tinha medo de sofrer assim. A vulnerabilidade daquele sofrimento me traumatizou.

Depois daquilo, eu e Marcelo não ficávamos mais sozinhos até o fim da noite — um dos dois sempre dava um jeito de sair primeiro. O vestibular veio, quem tinha que passar passou, e as aulas chegaram ao fim. Eu o veria a partir daí muito raramente.

Mas no natal de 1989 fizeram uma festa, e chamaram a sala inteira. Eu já estava com Júlio há alguns meses, e tinha ouvido que Marcelo estava namorando também.

Lembro que cheguei na festa com o estômago em fogo. Ele estaria lá, com a modelo com quem estava namorando. As luzes da árvore de natal esverdeavam a sala, trazendo o ar melancólico das festas natalinas. Assim que vi os dois parados mais adiante na cozinha, quis dar meia volta e partir. Doía vê-lo com ela — ele não era o cara que detestava namoros? — mas doía mais voltar para casa com Júlio sentindo o peito bater por outro. Não deu para voltar porque eles nos viram e vieram nos cumprimentar. Agora era fazer de conta que dava pra aturar e ir embora quando desse.

Ele estava ainda mais bonito, mais atraente, mais atormentador. As horas perto dele passavam morosas. Pedi licença, sem querer realmente ouvir Júlio trocar ideia com um garoto que tinha passado para o mesmo curso que ele. Ignorei as músicas, as pessoas, e, atraída por um calendário de advento, subi as escadas da casa até o segundo andar, acompanhando as janelinhas abertas do calendário. Para cada dia do mês de dezembro, uma janelinha com um chocolate dentro. O dono da casa havia aberto as vinte e quatro sacolinhas e comido os chocolates, esquecendo uma ou outra embalagem vazia dentro. Quando vi estava no segundo andar, e o som, antes insuportável, chegava abafado.

Não era intenção explorar a casa dos outros, mas uma das portas estava aberta e entrei. Era um quarto masculino. Guitarras e pranchas de surfe estavam penduradas na parede. Havia uma colcha azul sobre a cama, e troféus de campeonatos dispostos sobre uma estante próxima.

— Cansou da festa?

A voz conhecida me fez virar sobressaltada. O coração acelerou como turbinas, aquecendo o corpo e avermelhando as bochechas. Ele tinha vindo atrás de mim.

— Cansei. Quero dizer, não. Talvez um pouco.

Marcelo riu, passando por mim com as mãos enfiadas nos bolsos traseiros. Enquanto ele olhava para os troféus, eu olhava para ele. Seu perfil ainda me destruíra. Sentia falta das gracinhas na escola, da nossa proximidade. Também sentia mágoa por ter falado todas aquelas coisas no começo do ano, sobre não querer namorar, e hoje estar namorando. *Por que não disse logo que era só comigo que não queria namorar?*

Ele era bonito e magnético, o tipo que exigia disciplina para resistir. Era exaustivo gostar dele; na verdade, *esconder* que gostava dele. Desgastante até mesmo encontrá-lo.

Suspirei infeliz por ter deixado o coração se doar inteiro. Mas era isso que tinha acontecido. De tanto orbitar à sua volta, a dança se transformou em enredado. Um novelo cheio de nós, um embaraço em todos os sentidos.

Nos anos seguintes, desenvolveria uma teoria sobre o porquê dele gostar de mim. Eu era a presença dos intervalos. Morava às margens de sua história famosa, nos espaços em branco onde não atrapalhava. Devia ser chato viver sem plateia, e para aqueles momentos eu estava ali. Para a sua existência perfeita não ser acometida pela feiura do tédio.

Claro que não demorou para aquele amor experimental despertar meu ressentimento. Quem naquela idade queria assumir o papel secundário na relação? Eu não queria, e jogava esse jogo magoada.

Marcelo deixou os troféus e tombou na cama, ao meu lado. Não trocamos palavras, não tínhamos o que conversar.

— Quanto tempo faz que está com o Júlio? — ele perguntou cruzando os braços atrás da cabeça.

— Quatro meses.

— Uau. Estão ficando sérios.

— É, acho que sim.

Coloquei o troféu que tinha na mão no lugar, evitando olhá-lo.

— E você e a Juliana? Estão namorando, não?

— Há alguns meses.

— Cansou da vida avulsa? — perguntei.

Ele não respondeu, só soltou um grunhido. Acho que disse sim.

Um longo tempo se passou antes que ele dissesse:

— Estou de mudança.

Olhei-o com o coração agitado.

— Ah é? — fingi desinteresse. — Para onde?

— São Paulo. Vou com a Ju.

— Com a Ju — repeti, voltando a olhar para a estante. *Não chore, não chore.*

— Vamos tentar a USP. Eu e ela queremos a mesma coisa.

Engoli a saliva, ainda de costas.

— Hm. Parabéns. Querer a mesma coisa é importante.

O resto da frase saiu tão baixo que ele quase não me ouviu. Como ele não disse nada, me virei. Ele estava me olhando. Seus olhos diziam muito mais que a boca.

— Você está bonita.

Olhei para a saia, a meia calça e os coturnos pretos.

— Tá de sacanagem? — forcei uma risada.

Ele riu também. A namorada dele parecia ter vindo para um casamento, e *eu* recebia elogios?

— Sinto falta das nossas conversas — confessou.

Diga que você também sente. Que sentiu falta dele, e sentirá mais quando ele se for. Faltou coragem.

— Até parece.

— Sério. Você mudou. A gente costumava conversar, mas você... sei lá. Me cortou da sua vida.

Foi para me proteger.

— Não pegaria bem namorar com o Júlio e ficar de papo com você.

— Por que não? Éramos amigos.

— Tá bom, Marcelo — andei em direção à porta. *Vamos*

fingir que não nos beijávamos quando todo mundo ia embora e as luzes se apagavam.

— Não éramos? — Ele perguntou.

— Sim. Ainda somos.

Ele se levantou. Achei que fosse sair, mas se colocou na minha frente, impedindo a saída. Encostou delicadamente a porta, perto demais de mim. Minha respiração começou a sair errática. O *bumbum* do peito retumbava oco nos ouvidos.

— S-sua namorada deve estar procurando você

— Talvez.

Ele me olhou de um jeito estranho. Como quem escrutina o outro em busca de algo que acredita estar no fundo. *Será que algum dia deixaria de gostar dele? Deixaria de me sentir tão pequena e pouco importante?*

Eu não sabia ainda, mas passaria a maior parte da vida gostando dele, sem saber se fui amada de volta. Pense em uma lição de insignificância.

— Quero me despedir de você, Bela.

— Despeça-se, então — quase gaguejei outra vez. — Desejo sucesso a vocês.

— Não assim. Quero me despedir de outra forma.

— Como?

— Posso te dar um beijo de despedida?

A saliva desceu em um calombo. Um beijo renovaria os sentimentos desbotados, e renovaria a minha carteirinha do fã clube.

— Pode — respondi em um fio.

Quanta coragem.

O beijo foi diferente naquela noite. Não descompromissado como os das noites boêmias. Na penumbra do quarto, a boca dele cobriu a minha. Suas mãos estavam diferentes, mais cuidadosas. A língua, mais calma.

O beijo escalou para outra coisa. Uma mão escorregou por debaixo do elástico do sutiã, esquentando o seio. A minha se

insinuou por debaixo da sua camiseta. Algo novo surgia: um tipo de desespero. Ele trancou a porta e nos deitamos na cama, afobados. Nunca tínhamos passado dos beijos, mas agora vinha tudo. Eu mal acreditava que Julio e a namorada dele estavam no primeiro andar, e nós ali. Nunca havia traído Júlio, e nunca mais o traí nos próximos vinte anos. Mas perdi a virgindade com Marcelo naquela noite. Ele partiu para São Paulo logo depois, e eu fiquei pra trás. Na carteirinha com renovação vitalícia, um selo extra de trouxa.

Guardei uma a uma as fotografias antigas de volta na caixa, sentindo os sentimentos voltarem como se nunca tivessem sumido. Sentimentos eram criaturas estranhas: elas continuavam a existir mesmo quando achávamos que tinham desaparecido. Livres, desciam do teto como aranhas. Pairavam acima da cabeça, faziam acrobacias pela sala, preenchiam o branco dos espaços. E havia um monte de espaços em branco na minha vida para serem preenchidos.

O telefone vibrou, me acordando do devaneio.

Estou preso no escritório, a mensagem de Júlio dizia. Pode ir dormir, a gente troca os presentes amanhã.

Mal deu tempo de sentar desanimada no sofá e fechar os olhos: a campainha tocou outra vez.

— O que está acontecendo essa noite?

Já não sabia se a visita da garota havia sido um delírio ou um sonho. Provavelmente os dois, mas por sorte tinha sido breve. Caminhei sem vontade até a porta e a abri. Do outro lado, uma senhora idosa me fitava.

— Olá, querida. Posso entrar também?

FUTURO



DONA ISA

NÃO TINHA PEQUENAS ASPIRAÇÕES AO EMBARCAR para o passado a fim de impedir aquela moça de cometer outra burrada. A jovem que eu era no ano de 2019 não acreditava em mais nada. Nada, ao menos, que prestasse na minha idade. Eu sabia que tinha um desafio nas mãos. Precisava fazer com que eu mesma acreditasse em milagres, e, conhecendo-me como me conhecia, não seria fácil.

Quem ainda acreditava em milagres? Mágica, dádivas ou graças? Ninguém.

Aquela tinha sido uma geração perdida. Para proteger-se dos perigos reais, as pessoas haviam desenvolvido carapaças. Convencemo-nos de que a solidão era benéfica; que, ao nos atermos à realidade, estávamos seguras. Acabamos matando sonhos e a inocência, e nos esquecemos que depois de tempestades vinham dias melhores. Dentre as crenças ruins, a pior era que, ao afastar pessoas, estávamos seguros. Aos poucos esquecemos a nossa infinita capacidade de sofrer e nos recuperar.

Ora ora, cá estava eu devaneando outra vez. Fazia muito isso, hoje em dia. As ideias vinham claras na mente — como aquele feixe de luz que explode pela vidraça — e acabava me perdendo nos reflexos mais gentis, ou os que chegavam amortecidas pelas cortinas.

Passado e futuro também eram truques de luzes, não sei se sabem.

— Quem é você? — minha versão mais nova perguntou. Tive vontade de responder com uma gracinha, uma frase tirada de um comercial antigo: "*Eu sou você amanhã.*"

— Me chamam hoje de Dona Isa.

Ela suspirou.

— Deixe-me adivinhar: você veio do futuro.

— Isso aí.

— Olha, não me leve a mal, mas isso não pode estar acontecendo. É muito *Um Conto de Natal*, de Dickens, sabe? Você é o 'espírito do futuro', aquele que vem me assombrar para mostrar como será horrível minha vida daqui a alguns anos? Pegue a senha, já fui visitada hoje.

Ri da brincadeira.

— Essa foi boa — respondi. — Mas sim, é *mais ou menos* isso que vim fazer aqui.

Ela me colocou para dentro, incomodada por me ver tomando chuva. Pegou o pano de chão que já havia sido usado e foi secando atrás de mim, passo por passo.

— Deveria perder essa mania — falei. — É uma mania ingrata.

— Todas são — ela respondeu.

Sentamos no único lugar para sentar, o sofá da sala. Um móvel idiota que mal podia ser usado, de tão branco.

— Quer uma toalha para se enxugar? — ela perguntou. Estava me tratando melhor do que nos tratou mais nova. Não por que havia aprendido alguma lição: apenas porque eu tinha informações melhores para dar.

— Não, não quero nada. Serei breve, não tenho muito tempo.

Isabela cruzou as mãos sobre o colo e aguardou. Algo me diz que não estava me levando a sério.

— Quero que reconsidere isso — olhei ao redor. — Tudo isso.

— Isso o quê? A mudança?

— A mudança, a mania de limpeza, o perfeccionismo, o relacionamento fracassado com Júlio. E a fixação por sofás brancos. Quero que reconsidere tudo.

Ela balançou a cabeça, sem entender.

— Mas estou feliz. Tenho dinheiro na conta, uma casa perfeita, e quanto a Júlio, estamos bem. Tive, sim, uma pequena recaída quando vi aquelas fotos, mas foi só nostalgia pela época do ano. Você sabe, essas luzinhas nos deixam melancólicas.

Como viu que não a convencia, Isabela mudou o tom.

— Veja bem, não estou abrindo mão da carreira. Tenho amigos em Lisboa. É a decisão correta acompanhar Júlio nessa nova fase.

— Você não gosta dele, querida.

Ela se alterou.

— De onde tirou isso?! Eu e Júlio estamos há séculos juntos!

— Não, minha filha — pousei a mão enrugada sobre a sua perna. — Séculos é o tempo que levarei fazendo terapia para superar o tempo que perdeu com ele. Tempo que jamais voltará. Sabe qual foi a solução para o meu caso? Me resignar. Só que me recuso a me resignar. Quero que *you* tome uma atitude enquanto é tempo.

Ela balançou a cabeça em negação.

— Acontecerá alguma coisa, não é? — ela perguntou. — Você veio do futuro para me alertar?

Era exaustivo bater boca a essas alturas do campeonato.

Mas valia a pena insistir mais.

— Não posso dar informações de como será. Só que, quando se arrepender, será tarde demais.

Minha versão adulta relutava.

— Não sei se quero viver sem o Júlio.

— Você quer a segurança do Júlio. Quer a zona de conforto, a bolha agradável. Isabela, minha querida, essa bolha em breve se romperá.

Ela não acreditou. Mal sabia ela que as coisas já estavam desmoronando.

— Sinto muito, mas não vou abrir mão da minha vida. Gosto dela como ela está.

— A hora de agir é agora, Isabela. No presente. Eu dependo de *você*.

— Não — ela se levantou. — Não! Vocês são frutos da minha cabeça. Surgiram porque estou sensível por causa da época. Sozinha — ela olhou com mágoa para o celular. — Sozinha, e cheia de lembranças.

Ela interrompeu a frase. Esfregou o rosto, exalou.

— Não sou assim tão infeliz.

— Com quem acha que está falando, querida?

Ela voltou a se sentar. Olhando para a caixinha vermelha, perguntou:

— Foi você quem deixou a caixa aqui?

— Foi. Queria que se lembrasse da época.

Ela soltou uma risada triste.

— Eu me lembro o suficiente dela, acredite.

— Por que não ajudou, então, a garota que veio aqui pedindo ajuda? Aquela época era ainda mais importante para ela.

— Não consegui ajudá-la. Seus medos já eram grandes demais.

— Disse alguma coisa a ela? — perguntei. — Ou a dispensou sem falar nada?

— Falei que ela havia tomado as decisões corretas. Vivo a vida que suas decisões criaram. Estou bem.

Olhei aquela mulher jovem com os olhos tristes.

— Ela saiu decepcionada?

— Acho que sim.

Um longo tempo se passou. Isabela fechou a caixa e a empurrou em minha direção.

— Ela tinha acabado de descobrir que não valia a pena insistir no amor. Quem tivesse que partir, partiria. Quem ficou foi a pessoa certa.

Balancei a cabeça que não, entristecida.

— Por que não correu atrás dela, Isabela? Por que não pediu que se arriscasse?

— Arriscar-se como?

— Abrindo o peito e dizendo tudo que sentia. De jogo em jogo você perdeu coisas demais.

— Deus, não. Do que teria adiantado? Acha que deveria tê-la incentivado a se declarar para o rapaz? Sério?

— Essa atitude teria te livrado desse lugar.

— Essa atitude só teria exposto meus sentimentos e me magoado. *Ele tinha namorada.*

— Reconhecer nossos desejos nos impede de cometer burradas. Quebramos a cara sim, e mais de uma vez. Mas só entendemos o motivo de estar aqui quando agimos sobre nossas vontades. Sem treino, nossos sonhos atrofiam.

— Olhe, Dona... Dona Isa — ela se embananou ao perceber que falava com ela mesma. — Eu entendo o seu esforço. Entendo, eu juro. Mas não dá para trocar o seguro pelos sonhos. Ninguém vive de sonhos, nem troca o que é certo pelo duvidoso.

— Seu amor por um era certo; pelo outro, duvidoso. Não foi exatamente isso que você fez? Trocou um sentimento por outro?

— Não. Troquei uma *pessoa duvidosa* por uma certa.

— E onde está a pessoa certa? Por que no seu coração sei que não mora. Tampouco a vejo ao redor.

Ela não conseguiu rebater isso. O que diria? Que eu não sabia o que se passava dentro dela? *Ah, que mulher tola.* Ela ainda acreditava que, controlando o mundo, machucaria-se menos.

— Ele não me queria — ela disse finalmente, já que eram sobre sentimentos que estávamos falando. — Você se lembra.

— Ele nunca soube que você gostava tanto dele.

— Besteira. Ele sabia.

— Surpreenderia-se se entendesse quantos relacionamentos morrem, ou nem mesmo nascem, devido a má comunicação.

— Não era normal gostar dele como eu gostava. Aquilo me deixaria eternamente insegura.

— Aquilo a teria feito absurdamente feliz.

— Não, não, *não!* Como pode nossa devoção ser maior que o objeto a que somos devotos? Eu gostava dele muito mais do que ele merecia. Ele era mulherengo, indeciso. Deveria me dar parabéns por descartá-lo!

— Parabéns por ter descartado a pessoa que nunca mais esqueceu? Querida, demanda um esforço colossal não ser assombrado pelo passado. Teria sido mais simples tentar e concluir que deu errado.

— Quem foi que disse que “a distância atribui encanto ao que está distante?” É esse o caso. Ele só tem encanto porque nunca esteve próximo.

— Arriscaria encontrá-lo uma última vez?

— Não! — Ela praticamente gritou.

— Você sabe que ele mexeria com você.

— Não sei de nada. É você quem está dizendo.

— Bem, sou eu mesma quem estou dizendo. Aquela que viu tudo. Você acinzentou a vida, nem percebe que está há anos atrás de grades bonitas.

Levantei-me com dificuldade, negando sua ajuda.

— Está na minha hora. Eu precisava avisar. Quando me lembro do passado, sinto raiva de você, como você tem da sua versão mais jovem. Sua casa me irrita — aponte para as paredes, e os móveis estúpidos e caros. — Sua teimosia me irrita. Até suas roupas me aborrecem — olhei para o conjunto bege fazendo uma careta. — Parece que você quer desbotar até sumir!

Ela me seguiu aflita.

— Não quero recomeçar — ela disse atrás de mim. — Ficar sozinha, vivenciar toda a frustração de novo. Você sabe o quanto sofri quando... quando *ele* foi embora.

— Céus, ele estava morando em outra cidade, não em Marte.

Abri a porta e encarei com passos frágeis a chuva inclemente. Meu tempo estava acabando.

— Espere, era só isso? — Isabela gritou atrás de mim. — Você voltou só para dizer que meu casamento está fadado ao fracasso e que eu deveria ter incentivado meu eu-adolescente a correr atrás do babaca que nunca me assumiu?

— Sim, foi basicamente por isso que vim — disse sentindo as gotas baterem sobre os cabelos brancos e a pele engelhada. Andar ficava a cada ano mais difícil. Com o coração pesado, ficava duas vezes mais.

Isabela veio atrás de mim. Eu ouvia seus saltinhos batendo no asfalto molhado.

— Não tenho mais a coragem.

Virei-me para ela e a encarei.

— Você deve isso a mim. A você mesma, e de muitas formas à menina que mandou embora.

Coragem para mudar, a mulher medrosa do presente pensava. Dizer não para o conforto e para o seguro a apavorava. Seria possível acertar qualquer coisa a essas alturas?

Não seria melhor tentar melhorar o relacionamento com Julio?

Fiz um gesto de quem desistia dela e voltei a caminhar lentamente rua afora. Eu era um caso perdido.

— Tente me entender! — Isabela gritou de longe. Ela não fazia a menor ideia de que em breve tudo ruiria. Mas ela sentiria em breve os tremores.

Aquela foi a minha tentativa. Eu tinha poucos minutos, e fiz o que estava ao meu alcance fazer.

DE VOLTA PARA O PRESENTE



ISABELA

A IDOSA SUMIU NA RUA SOB A CHUVA FORTE. JÁ NÃO conseguia mais distingui-la dos riscos que caíam, e em algum momento ela desapareceu por completo. Voltei para casa encharcada, o sapato de camurça destruído. Se aquilo tinha sido um sonho, foi real demais. Reais como só pesadelos são.

Ao passar pela janela do vizinho, vi uma cena que me parou no lugar. O casal ao redor da mesa, o cachorro fazendo traquinagens ao lado de uma criança, todos reunidos ao redor da mesa enfeitada.

Não dava mais para achar desculpas. Eram oito horas do dia vinte e quatro. Julio não estava aqui porque não queria estar. Aquela felicidade que eu via da janela não existia.

O pior? Eu não sentia a sua falta.

Entrei em casa ouvindo o celular vibrar em cima do sofá. Eu estava completamente encharcada. Limpei os pés no pano de chão, olhando para o porcelanato imundo. Antes que pegasse o celular, o telefone fixo tocou

Estranhei o barulho. Não me lembrava do telefone fixo,

mas pelo jeito ele estava ali, e funcionando em algum lugar. Empurrei algumas caixas e o encontrei, mas antes que pudesse atender, a secretária eletrônica - um equipamento arcaico que mantínhamos por motivos sentimentais - capturou a chamada.

Você ligou para a residência de Júlio e Isabela. Por favor, deixe o seu recado.

— Isabela?

Mil anos se passariam e eu ainda reconheceria sua voz.

— Aqui é Marcelo, do colégio Impacto. Tudo bem? Eu... eu estudei com vocês, não sei se se lembram. Acho que sim. — Ele pausou. — Bem, duas décadas se passaram.... Enfim, estou na cidade durante o feriado. Gostaria de rever algumas pessoas do passado. Se não tiverem programa para hoje, estou no Sheraton. — Marcelo hesitou. — Gostaria de rever *você* — ele falou um tom mais baixo, logo consertando: — *Vocês*. Enfim, sei que é uma época complicada, e vou entender se não ligarem. Espero que liguem.

A tempestade do lado de fora havia migrado para o peito. As mãos estavam frias, já o peito, quente. Olhei para fora com a mesma sensação que tive antes que as visitas aparecessem. A noite parecia mesmo mágica.

Foi inevitável me perguntar o quanto as visitas, a caixa e esse telefonema estavam costurados. Elas sabiam o que aconteceria?

O celular continuava a vibrar sobre o sofá. Não queria atender, era o Júlio. Sequei o cabelo com pressa, troquei o sapato e conferi o rosto sem maquiagem. Daria tempo de passar um batom no carro, mas isso pouco interessava. *Sem máscaras.*

Deixei o celular em casa.

Nem toda história de amor precisava ser epílogo de um caso de luto. Meu passado e meu futuro precisavam de mim, mas o mais importante é que *eu* precisava de mim. No último segundo, lembrei-me de uma coisa. Voltei, peguei a caixinha vermelha e apaguei as luzes, fechando a casa.

Nem mesmo ouvi o telefone tocar de novo, e a secretária capturar o próximo recado:

Isabela, é o Julio. Não sei por que não atendeu o celular, acho que ... acho que percebeu, como eu, que existe alguma coisa errada. Não podemos mais adiar essa conversa. Sei que pausou sua carreira para me acompanhar, mas precisamos conversar melhor sobre isso. Tem mais outra coisa. Conheci uma pessoa algum tempo atrás...

PASSADO ENCONTRA FUTURO



ENQUANTO A MÁQUINA GRAVAVA O DESABAFO DE Júlio e o carro de Isabela seguia em direção ao hotel, uma idosa e uma jovem se encontravam sob a chuva, em uma encruzilhada.

Elas olharam-se por um tempo. Quase não se reconheciam, de tantos anos que as separavam.

— Obrigada por vir — e menina falou.

— Digo o mesmo — a velha respondeu. — Ela precisava de nós.

— Deve ter sido só agonia viver com aquela história mal resolvida no peito.

— Ninguém melhor que eu sabe disso — a velha respondeu.

A jovem mordeu os lábios. Queria perguntar sobre o futuro, mas sabia que não podia: foi avisada. Mas era jovem e de vez em quando quebrava as regras.

— Olha só, sei que não pode me contar, mas...

A velha enfiou a mão dentro do bolso da saia e tirou dali uma carta. Velhos também gostavam de quebrar regras. Só a vida adulta era chata.

— Estava nas coisas dele, — Dona Isa estendeu o envelope para a menina. — Descobriram depois do enterro.

Era uma cartinha pequena, não mais que uma folha. As mãos da menina tremiam ao segurá-la.

— Se eu a abrir, ela vai rasgar.

— Assim que eu sumir ela se evaporará de qualquer forma. Apenas abra.

A menina olhou para a carta, e assim que a abriu, as letras começaram a borrar. Os olhos aceleraram pelas linhas antes que a mensagem sumisse:

Lista de arrependimentos:

*Ok, faz parte do fim da vida escrever uma lista de arrependimentos,
então vamos lá.*

*Arrependimento, mesmo, não tenho muitos: só um. Eu deveria ter dito,
muitos e muitos anos atrás, que gostava de uma garota. Não disse, e
guardei o sentimento para mim. Na época eu estava de mudança. Não
tinha nenhum motivo para não ter me declarado. Foi coisa da idade, eu
acho. Pura imaturidade.*

O que eu teria dito, hoje:

*“Isa, se tivesse me pedido para ficar, eu ficaria. Se tivesse ouvido de
você que gostava de mim, teria te levado junto. Meu coração ficou com
você. Não tenho grandes arrependimentos, mas tenho esse. Eu devia ter
te procurado um dia e dito que cresci. Que mudei. Mas você parecia
feliz, então acabei não falando nada. Pena que a gente se perdeu.*

Realmente uma pena.

M.

Quando a menina levantou os olhos, a velha tinha desaparecido. A carta em sua mão se dissolveu na água e sumiu sob a chuva.

A garota olhou para as mãos. Aos poucos ela também se dissolvia, carregada pela chuva forte. Logo voltaria para casa, e esperava levar na bagagem algumas lições.



1989

I drove all night chacoalhava o walkman, vibrando tudo entre as orelhas. O volume alto valia cada ânodo e cátodo desperdiçado. Ajeitei a espuma ao redor do ouvido e apertei o lápis entre os dedos. Mas antes de ouvir a estrofe, senti uma cutucada no ombro direito, e ao me virar, a cutucada no esquerdo. Sorri ao olhar Marcelo sentar-se na cadeira atrás da minha. Ele notou que o meu sorriso estava diferente.

— E aí? — ele perguntou.

Não fechei imediatamente o caderno. Deixei que visse o enorme coração desenhado no canto, onde um I e um M apareciam cravados de flechas.

— Estudando muito? — ele perguntou, avermelhando inteiro.

— Mal vejo a hora de prestar logo o vestibular e acabar com isso. Você?

Ele deu de ombros e se esparramou na cadeira. As pernas longas se esticaram por debaixo da minha.

— O que isso quer dizer? — Eu perguntei.— Que está indo mal nos simulados?

— Mal, não. Só não tão bem quanto você. Na verdade, talvez precise repetir de ano. Vamos ver.

— Você me lembra aquela fábula da cigarra e da formiga — eu falei. — Uma hora o inverno chega, viu.

Ele se aproximou: — E quando chegar, posso bater na porta da sua casa, formiguinha?

Ri, sentindo o coração feliz.

— Você tem muitas casas onde bater — respondi, no aguardo de sua resposta. Ele aproximou a boca do meu ouvido. Tão pertinho que, quando falou, senti os pelos da nuca se arrepiarem:

— Você não abriria?

Virei para trás.

— Abriria — respondi, vendo-o perder a cor. — Provavelmente todas as vezes que batesse.

Dei, finalmente, o primeiro passo. Se daria certo aos dezessete anos, eu não sabia. Mas o mundo dava voltas, e era bom que minhas intenções ficassem claras.

NOITE DE NATAL



MUITOS ANOS DEPOIS, EM UMA NOITE DE NATAL, uma família comemoraria a data mágica ao lado de duas crianças e três cachorros animados. Não havia na casa sofás brancos ou porcelanato fino (a mãe sequer pensaria nisso), nem um segundo de infelicidade. Os presentes já tinham sido trocados, e só restava uma última caixa debaixo da árvore.

O pai — um homem lindo, diga-se de passagem — pegou a caixinha vermelha e entregou para a esposa.

— Para você, minha eterna namorada.

Ela o beijou com carinho e abriu a caixa. Ela estava recheada de fotos antigas.

— Onde achou todas essas fotos? — a mulher vibrou, retirando as imagens conhecidas de dentro.

— Tive que entrar em contato com Deus e mundo. É bom que guarde o presente com carinho, deu um trabalho danado recuperar o passado.

Ela olhou para ele — seu amigo, seu parceiro, seu amante e eterno namorado. Sabia que tinha dado.

Não era todo mundo que conseguia recuperar o passado.

TRÊS MILAGRES DE NATAL

FIM

SOBRE MIM

Sou formada em Publicidade, Marketing e Psicologia. Já fui também professora de alemão, instrutora de Lego e agora, escritora. Também escrevo sobre escrita terapêutica no site www.ocaminhointerior.com.br, onde ofereço um curso de escrita terapêutica cheio de cuidado e carinho para quem precisa de ajuda.

Escrever para mim é fazer magia. O bom da mágica (e dos livros) é que ambos contagiam, proliferam, encantam e eternizam. Linhas puxam parágrafos que se desdobram em folhas, e no fim, seu sonho vira um universo. É nesse universo que eu e minha família andamos vivendo ultimamente <3

www.karinaheid.com.br



OUTRAS OBRAS DA AUTORA

Fantasia

A Jornada das Bruxas

Romance Adulto

A Última Peça

Sessenta Noites em Trindade

Meu Capitão: Sessenta Noites em Trindade 2

Sexo, Amor & Outros Estragos

O Clube da Vingança

Selvagens

Mascarado

O Lado Bom do Inferno

A Morte e a Donzela

A Garota da Música

Contos e Antologias

Spin-off de Selvagens: a história de June e João

Homens de Farda: “O Lado Bom do Inferno”

Doze por Doze: “Janeiro”

